

Crise moral, falência política

Por João J. Brandão Ferreira

TcorPilav.(ref.) Quem sabe entender os políticos?

Quem pode fartar os banqueiros?...

Moniz Barreto

(Carta a El-Rei de Portugal sobre a situação do país e seus remédios, Março de 1893) A recente crise financeira - que está para durar - veio provar à saciedade que estamos muito longe de viver na tão apregoada "Democracia". Alguns regimes do planeta serão até, inqualificáveis, mas, no chamado mundo ocidental, aquilo em que vivemos é muito mais uma Plutocracia, isto é, o regime dos ricos. Se fossem ricos de trabalho sério e produtivo talvez não viesse grande mal à terra, mas, infelizmente, o que tem vingado é a especulação desenfreada, o ilícito, a fuga ao fisco, a lavagem de dinheiro, as tentativas de monopólio, etc.

Escusado será dizer que as preocupações sociais não entram nesta equação. E cada vez mais a fatia maior do mercado é dominada por cada vez menos, reunidos em organizações poderosas e muito discretas, que ninguém elege nem escrutina. O "mercado" regula-se a si mesmo, de facto, mas pela lei da selva... Estamos, pois, perante uma crise moral e de princípios profundíssima. Esta crise moral é, ao mesmo tempo, causa e efeito do descalabro político. A coisa funciona em termos simples da seguinte maneira: os "ricos" financiam e controlam as campanhas eleitorais elegendo quem lhes interessa. Estes, no Poder (pelo menos nominal), têm obviamente de favorecer quem lhes fez os favores. Com o tempo alguns trocam até, de lugares. Ora, perante os vários escândalos financeiros, muitos deles baseados em operações fictícias - que, pelos vistos ninguém deu conta! - e que prefiguram várias "D. Brancas" Gigantescas, cujo desconchavo levou à actual crise (e resta ver o que está ainda por se saber), o que fazem os governos? Pegam no dinheiro dos contribuintes e transferem-no para os cofres de muitos daqueles que pela sua cupidez e ganância são responsáveis pelo desastre em que estamos. Ao menos os comunistas nacionalizavam a banca, os seguros, etc. e não indemnizavam ninguém. O destino é uma ironia... A falta de vergonha só tem paralelo na impunidade em que tudo se passa, como é bem ilustrado pela comezaina realizada algures na Côte d'Azur pela administração de um dos maiores bancos belgas, falido, que terá custado a módica quantia de 300 mil euros! Argumenta-se que não restaria aos governos outra hipótese a fim de não provocar o descalabro do sistema financeiro internacional o que, por sua vez, iria ter mais gravosas consequências. Pode ser, mas tal só será aceitável se se responsabilizar os agentes económicos e financeiros que se portaram mal, bem como os organismos dos diferentes estados que falharam na prevenção das práticas lesivas da boa gestão e dos bons costumes. E, em seguida, produzirem legislação que regulamente eficazmente as normas financeiras nacionais e internacionais. Se tal não acontecer acarretará o total descrédito da classe política que, aliás, mesmo afirmando-se da mais fina linhagem democrática, já pouco crédito tem.